



XVI Encontro Regional de Agroecologia do NORDESTE

NORDESTE

Na rota do Velho Chico: A Agroecologia e os Movimentos Sociais na luta contra as opressões no Campo e na Academia.

28 de Abril a 01 de Maio - CECA/ UFAL - Rio Largo - AL

A SOCIEDADE DE RISCO: A EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO E SUAS IMPLICAÇÕES NA AGRICULTURA CAMPONESA

Liara Silva Medeiros^{1*}

Emely Christine Sulino de Melo^{2*}

Mônica Cox de Britto Pereira^{3*}

¹Graduanda em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); liaramedeiros@gmail.com

²Graduanda em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); emelychristinegeo@gmail.com

³Professora do Departamento de Ciências Geográficas (UFPE); coxmonica@gmail.com

* Integrantes do Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia NEPPAG- Ayni (UFPE)

Resumo-Abstract

RESUMO - O trabalho busca apresentar os riscos presentes na sociedade atual, seja na cidade ou no campo, através da teoria da Sociedade de Risco escrita por Ulrich Beck em 1986. O modo de produção convencional e o aumento da tecnologia inadequada tem possibilitado o surgimento dos chamados “riscos invisíveis”, tanto para quem produz como para quem consome. Contrapondo-se a esse modelo, temos a agricultura camponesa, que sofreu inúmeras perdas com o avanço do agronegócio e busca se fortalecer a partir de suas bases sustentáveis de produção. Dessa forma, é de extrema importância que se estude e apresente para a sociedade as consequências do avanço do agronegócio no Brasil, visto que este causa destruição dos solos, perda de biodiversidade, contaminação das águas, intoxicações e doenças graves.

Palavras-chave: Modelo de desenvolvimento, Agrotóxicos, Agroecologia.

ABSTRACT - This paper seeks to present the presents risks in current society, whether in the city or in the countryside, through the theory of Risk Society written by Ulrich Beck in 1986. The conventional mode of production and the increase in technology has made possible the emergence of the so-called "invisible risks", for both produces and consumes. Opposed to this model, we have the rural farm, which suffered countless losses with the advancement of agribusiness and seeks to strengthen a sustainable form of production. Thus, it is of the utmost importance that study and present to society the consequences of advance of agribusiness in Brazil, since this causes soil destruction, biodiversity loss, water pollution, poisonings and severe diseases.

Keywords: Development model, Agrochemicals, Agroecology.

Introdução

A publicação da Sociedade de Risco escrita por Ulrich Beck (1986) trouxe à tona uma discussão relacionada aos riscos nos quais a sociedade globalizada está inserida. Segundo o autor, a sociedade industrial foi deslocada pela sociedade de risco, e o crescimento da tecnologia e da

ciência não acompanha e não possui controle sobre esses riscos que ajudaram a criar. Sobre isso, Beck (1986) cita os ecológicos, químicos, nucleares e genéticos, que geram consequências gravíssimas para a natureza e para a saúde humana.

Diante disso, a industrialização imposta pelo Estado trouxe como consequência para a sociedade o crescimento da desigualdade entre os países, tornando o risco um problema sociopolítico. Ainda segundo Beck (1986), os problemas invisíveis causados pelo avanço das forças produtivas, seja a curto ou longo prazo, influenciam também a vida daqueles que produzem e se beneficiam com a produção das riquezas. Junto a isso, soma-se a desvalorização ecológica e a expropriação de populações camponesas, que contradizem o processo de industrialização voltado ao agronegócio.

As situações de risco podem vir através de substâncias nocivas e tóxicas que estão presentes no ar, na água e nos alimentos, que contaminam por meio do uso de agrotóxicos em grande quantidade na produção em larga escala do agronegócio. Além disso, a industrialização do modo de produção de alimentos utiliza-se de sementes geneticamente modificadas para a produção das *commodities*.

No Brasil, um grande risco para a sociedade tem sido o crescimento desse agronegócio, que ultrapassa as fronteiras da propriedade rural ao fazer uso de “alta tecnologia” na sua produção. Com a sua expansão por todo o território nacional, o agronegócio tem conseguido, por meio de grande apoio financeiro de empresas e do governo, agregar propriedades, nas quais, anteriormente, a agricultura era feita de forma familiar. Apropriação de terras indígenas e camponesas, desterritorialização das populações indígenas e camponesas, êxodo rural, infecções e doenças, crises econômicas e perda de ecossistemas são exemplos dos perigos causados pelo agronegócio à sociedade.

Atributos químicos e agrotóxicos poluem os solos e águas. Irrigação, redução e escassez de biomassa vegetal levam a alterar a recarga de água nos lençóis freáticos, alteram o regime hídrico, e secam nascentes. Podemos verificar que trazem vulnerabilidade em vários aspectos do ambiente, tais como destruição das interações ecológicas nos ecossistemas, levando a pragas, erosão dos solos, erosão genética, destruição da vegetação nativa, acabando com o potencial de uso da natureza e da biodiversidade. Assim, alteram as condições de produção e conservação, anteriormente integradas em sistemas nativos diversificados, aspecto esse chave atualmente para os dilemas da crise ambiental e dos impasses da

relação entre sociedade-natureza. (PEREIRA, 2012)

O Brasil é o grande campeão mundial na utilização de agrotóxicos, muitos dos quais proibidos em vários países do mundo. Isso tem acarretado diversos casos de intoxicação em trabalhadores e moradores dos arredores das plantações, até mesmo crianças, além do crescimento de casos de câncer, assassinatos e suicídios entre os trabalhadores e trabalhadoras das fábricas ou agricultores e agricultoras que utilizam os insumos químicos. Segundo dados da Campanha Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, em 2014 foram vendidos para o Brasil 914.220 toneladas de agrotóxicos, tendo um crescimento acumulativo de 191,31% desde 2000. As áreas utilizadas para plantação de transgênicos também cresceu, passou de 40,3 milhões de hectares em 2013 para 42,2 milhões em 2014.

Experimental

O Agronegócio no Brasil

O agronegócio foi inserido no Brasil a partir da década de 1960, seguindo a premissa da Revolução Verde, que justificava a necessidade de modernizar a agricultura para aumentar produção de alimento no mundo. Criou-se, com isso, inúmeros “pacotes tecnológicos” destinados a implantar a mecanização do campo, o uso de agrotóxicos como forma de afastar “pragas”, fertilizantes químicos no solo, sementes transgênicas nas lavouras e produção de monoculturas.

Ano	Milhões de Hectares
2003	3
2006	11,5
2009	21,4
2012	36,6
2015	44,2

Tabela 1- Área plantada de transgênico

Fonte: ISAA - Entidade que promove o uso de transgênicos no mundo, portanto são dados produzidos por quem tem interesse em vender transgênicos. Não existe fonte oficial sobre o assunto.

Como consequência da instalação desse modelo no Brasil, tem-se um aumento alarmante na degradação dos solos agrícolas, comprometimento da qualidade e quantidade dos recursos hídricos, devastação de florestas e campos nativos, empobrecimento da diversidade genética dos cultivares, plantas e animais, e contaminação de alimentos consumidos pela população (ALMEIDA; PETERSEN; CORDEIRO, 2001).

No Cerrado brasileiro, a implementação do cultivo de soja e arroz colocou os índices de erosão do solo em altíssimos níveis, e o desmatamento para exploração de madeira e carvão vegetal levaram a perda de parte do ecossistema nativo da região. No Nordeste foram implementadas diversas políticas de irrigação, estas que atraíram produção agrícola mecanizada para a região, e, conseqüentemente, as águas foram contaminadas com agrotóxico e a salinização cresceu em níveis elevados. No Sul do Brasil, a chegada do agronegócio acarretou a substituição da floresta subtropical pelas lavouras.

A Agricultura Camponesa

Diante dessa inserção desse novo modelo de agricultura, a agricultura camponesa, vinculada ao modo de vida tradicional, teve sua realidade totalmente transformada. Os impactos vão desde a dificuldade de acesso a terra até a consolidação do produto final, sem uso de agrotóxicos e insumos químicos. Neste sentido, os agricultores e agricultoras camponeses passam a buscar estratégias que possam valorizar a diversidade de seus alimentos.



Figura 1 - Diversidade de sementes
MELO, 2016.

Assim, Ferrari (2011) conta que existe uma imensa diversidade de formas sociais na agricultura camponesa que se configura através dessas estratégias como forma de revalorizar uma agricultura que sempre esteve presente em nossa sociedade, porém que vem sendo renegada e invisibilizada pelos novos horizontes de desenvolvimento no campo e na cidade. Portanto, há uma necessidade de compreender e valorizar as potencialidades existentes na agricultura camponesa, visto que esta vai muito além de um cultivo, se trata de um modo de vida.

Resultados e Discussão

A expansão do agronegócio trouxe consigo uma série de possíveis riscos a serem enfrentados pela população, um deles sendo voltado aos camponeses que praticavam e praticam agricultura camponesa. A perda de território, de cultura, de sociobiodiversidade e de espaço tem feito com

que parte desses agricultores produzam apenas para consumo próprio, enquanto poderiam produzir alimentos de qualidade em maior escala.

Na região Centro-Oeste do Brasil, a produção de *commodities* se iniciou com o arroz e a soja e se expandiu rapidamente, causando crescimento acelerado das taxas de erosão do solo.

[...] o desenvolvimento regional deve-se a uma articulada transformação dos meios urbanos e rurais, a serviço da produção tanto de alimentos básicos, como arroz, por exemplo, quanto de grãos para consumo interno e exportação. (AB'SABER, 2003)

Além disso, o avanço das áreas cultivadas tem elevado também o número de espécies em extinção, como é o caso do bioma Cerrado que é um dos *hotspots* mundiais de biodiversidade e vem sendo drasticamente transformados.

Esse avanço pelo Cerrado alcançou a região Norte com altos índices de desmatamento, sendo a pecuária citada como um dos principais responsáveis. Perda da biodiversidade, conflitos de terras com populações tradicionais (principalmente indígenas), destruição em larga escala das regiões florestais são outras conseqüências do agronegócio.

A região Nordeste, além de sofrer grande processo de salinização, nos perímetros irrigados do Semiárido conta ainda com a contaminação das águas decorrentes do uso abusivo de agrotóxicos. Na Zona da Mata, o grande problema é a monocultura da cana-de-açúcar que segue desmatando áreas e desalojando populações tradicionais.

A erosão também é a principal conseqüência nos estados do Sul do Brasil, levando a grandes perdas na economia. Por exemplo, vemos que a gravidade da extensa degradação dos solos pode ser percebida pela estagnação da produtividade da soja, apesar do aumento substancial do uso de adubos químicos e de agrotóxicos. (ALMEIDA; PETERSEN; CORDEIRO, 2001)

O uso de agrotóxicos tem sido crescente em contradição à propaganda de que a tecnologia é moderna e pode ter o controle ou a diminuição do uso dos venenos. Vê-se que o uso de herbicidas cresceu em 47,6% desde 1999 no Rio Grande do Sul, enquanto decresceu em outros estados, exceto Goiás (ANDRIOLI, 2008).

A monocultura do café está presente na região Sudeste desde o Período Imperial, sendo incorporado a isso, com a introdução da tecnologia, diversos cinturões verdes e a produção de outras culturas. É uma região industrial, sofre com alta poluição do ar, das águas e desmatamento agravante da Mata Atlântica decorrente do avanço das cidades.

Conclusões

Diante do estudo feito a partir da teoria da Sociedade de Risco, pode-se perceber que a mudança no modo de produção da agricultura no Brasil transformou o território agrícola em algo mecanizado, tendo os solos unicamente usados para produção de *commodities*. Ao longo dos anos, tem-se visto transformações bruscas nos ecossistemas e na saúde da população que vive próximo a essas áreas e que consome alguns alimentos produzidos dentro do agronegócio. Florestas estão sumindo, ecossistemas estão sendo altamente degradados e populações sendo intoxicadas e expostas a doenças cada vez mais graves.

O alarmante uso de agrotóxicos no Brasil está ligado ao aumento do número de intoxicações em agricultores e familiares, aumento de índices de suicídios no campo devido a dívidas e pressão das multinacionais, aumento do índice de alcoolismo e de casos de câncer devido ao constante contato com os venenos, muitas vezes com ausências de equipamento adequado. Além da responsabilidade pela contaminação dos solos e águas pelo uso e descarte inadequado das embalagens dos produtos. Como bem retratou o filme de Silvio Tendler “O Veneno Está na Mesa”.

A sociedade encontra dificuldades em receber diagnóstico e auxílio em casos de intoxicações, falta esclarecimentos acerca dos produtos transgênicos e dos problemas que os agrotóxicos podem causar na saúde, falta fiscalização em relação à entrada irregular de produtos químicos proibidos no País.

Os agricultores e agricultoras camponeses estão na contramão dessa lógica de produção e de concepção de vida voltadas exclusivamente para o lucro. Estes utilizam o solo de forma a respeitá-lo, mantendo uma relação de convivência, considerando-o como um ambiente rico em vida. Produzem alimentos sem utilização necessariamente de máquinas, e são os maiores responsáveis pela alimentação dos brasileiros (cerca de 70% dos alimentos consumidos no Brasil são cultivados em espaços de agricultura camponesa). Manejam grande sociobiodiversidade, são responsáveis pela segurança e soberania alimentar, cultivando a partir da diversidade de alimentos consorciados com plantas nativas em ambiente nos quais a vegetação nativa compõe o agroecossistema. A partir de um conjunto de práticas essas que valorizam os saberes, sabores dos camponeses, bem como horizontes de vida que desafiam a sociedade de risco aqui colocada em debate.

Agradecimentos

Agradecemos aos companheiros e companheiras que participam do Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia (NEPPAG Ayni) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (RENDA) que contribuíram e incentivaram a formulação deste trabalho.

Referências

1. BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo**. Hacia una nueva modernidade. Barcelona: Paidós, 1998.
2. ALMEIDA, Sílvia Gomes de; PETERSEN, Paulo; CORDEIRO, Angelo. **Crise socioambiental e conversão ecológica da agricultura brasileira**. Subsídios à formulação de diretrizes ambientais para o desenvolvimento agrícola. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2001.
3. AB’SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
4. ANDRIOLI, Antônio Inácio. **Muita promessa, pouca efetividade: A catástrofe do cultivo de soja transgênica no Brasil**. In: Andrioli, Antônio Inácio; Fuchs, Richard. **Transgênicos: as sementes do mal**. A silenciosa contaminação de solos e alimentos. São Paulo: Expressão Popular, 2008, 135-159 pp.
5. PEREIRA, Monica Cox de Britto. **Revolução Verde**. In: Caldart, Roseli Salete; Pereira, Isabel Brasil; Alentejano, Paulo; Frigotto, Gaudêncio (ORGS.). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ, SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 685-689 pp.
6. FERRARI, D. L. **Cadeias agroalimentares curtas: A construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares em Santa Catarina**. Porto Alegre, PDGR, 2011. Tese em Desenvolvimento Rural.